

JESMILEYNE NETHILAY ASSUNÇÃO DAS NEVES

**Fratrias desligadas, afetivas, hostis, equilibradas e
emaranhadas: Relação com o desenvolvimento
identitário e a sintomatologia ansiosa e depressiva na
adulterz emergente**

Orientadora: Professora Doutora Ana Prioste

Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

2º Ciclo em Psicologia Clínica e da Saúde

Lisboa

2019

JESMILEYNE NETHILAY ASSUNÇÃO DAS NEVES

**Fratrias desligadas, afetivas, hostis, equilibradas e
emaranhadas: Relação com o desenvolvimento
identitário e a sintomatologia ansiosa e depressiva na
adultez emergente**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção de Grau de mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia no dia 26 de Junho de 2019, perante os júris nomeados pelo seguinte Despacho Reitoral nº 348/2018, com a seguinte composição:

Presidente: Professora Doutora Patrícia Pascoal

Arguente: Professora Doutora Bárbara Nazaré

Orientadora: Professora Doutora Ana Prioste

Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

2º Ciclo em Psicologia Clínica e da Saúde

Lisboa

2019

Agradecimentos

A realização deste grande sonho, traduz-se num longo percurso recheado de aprendizagem, investimento e crescimento pessoal que nunca seria provável, sem antes enfrentar e derrubar as barreiras intrínsecas e extrínsecas que conseqüentemente proporcionaram-me uma maior firmeza interna. Sendo a construção deste projeto um longo e árduo trajeto, não poderia deixar de apresentar os meus mais sinceros agradecimentos a todos aqueles que se mostraram disponíveis e que contribuíram de forma direta ou indireta para o seu desenvolvimento e conclusão.

Primeiramente, agradeço o meu Bom e infalível Deus pela vida, saúde e coragem, pois sem elas nada do que se foi feito se faria.

Agradeço, especialmente à Professora Doutora Ana Prioste por me ter direcionado e orientado ao longo de todo o projecto, mesmo sobre a condição de estarmos separadas geograficamente. Agradeço-a ainda pelo profissionalismo e disponibilidade prestada e acima de tudo, pela partilha, auxílio, rigor e competência.

Obrigada aos meus inesquecíveis e eternos amores, Laurena e Zoé das Neves Lopes, que acompanharam-me nas minhas loucas aventuras França-Portugal para a conclusão deste último ano do projeto.

Um grande obrigado! A toda a minha família pelo apoio incondicional, compreensão, reconhecimento e motivação prestada ao longo dos anos e sobretudo, por me fazerem acreditar que podia ir mais longe; refiro-me especialmente a Gabriela Neves, Bartolomeu Neves, Bilga Keila, Izalgina Vilena, Sílvia Neves, Danilson Lopes e idalecia Neves.

Apresento também os meus agradecimentos a todos os amigos que de alguma forma, contribuíram com as simples e sinceras palavras de conforto, e o tempo disponibilizado ao longo desta caminhada.

Estendo ainda os meus sinceros agradecimentos a Universidade Lusófona de Humanidades e tecnologias que permitiu-me a realizar toda a fase do meu percurso académico e a todos os professores da faculdade de psicologia pela forma como incutiram e transmitiram-me as competências adquiridas, especialmente aos meus dois grandes mentores, Professores e Doutores: Nuno Colaço e Jorge Ferreira. Sinto-me inteira e plenamente feliz por ter concretizado este sonho. Obrigada a todos!

Resumo

A família e os subsistemas que integra, nomeadamente o fraternal, contribuem para a (in)adaptação ao longo do ciclo de vida. Este estudo quantitativo transversal, com recurso a uma amostra de 292 participantes com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos ($M = 23.33$, $DP = 4.09$), pretendeu: (a) explorar a relação entre o afeto e a hostilidade fraternal, os processos de desenvolvimento da identidade e a sintomatologia ansiosa e depressiva; (b) identificar as tipologias da qualidade das relações fraternais, a partir das dimensões afeto e hostilidade; e (c) analisar a associação entre as tipologias da qualidade das relações fraternais, os processos de desenvolvimento da identidade e a sintomatologia ansiosa e depressiva. Foram identificadas três tipologias da qualidade das relações fraternais, correspondentes a fratrias Afetivas, Conflituosas e Equilibradas. Os resultados mostram diferenças estatisticamente significativas em relação à sintomatologia ansiosa e aos processos de desenvolvimento da identidade, em função da tipologia fraternal. Especificamente, os resultados indicam níveis superiores de sintomatologia ansiosa e depressiva nas fratrias com relações conflituosas. São discutidas as implicações para a prática e para a literatura nas áreas da Psicologia da Família e da adultez emergente.

Palavras-chave: fratria; adultos emergentes; desenvolvimento identitário; sintomatologia ansiosa; sintomatologia depressiva.

Abstract

Family and its subsystems, namely the fraternal, contribute to (in)adaptation through life. This quantitative cross-sectional study, using a sample of 292 individuals, aged between 18 and 30 ($M = 23.33$, $SD = 4.09$), intended to: (a) explore the relation between affection and sibling rivalry, processes of identity development and anxiety-depressive symptoms; (b) identify the quality of siblings relationships based on affection and hostility; and (c) analyze the relation between the quality of siblings relationships, processes of identity development and anxiety-depressive symptoms. Three different quality of siblings relationships were identified, corresponding to affective, confrontational and balanced sibling relationships. Results show significant differences regarding anxiety symptoms and processes of identity development, depending on sibling relationship type. Specifically, results show higher levels of anxiety-depressive symptoms amongst confrontational siblings. Practical and theoretical considerations in the fields of Family Psychology and emerging adulthood are further discussed.

Keywords: siblings; emerging adulthood; identity development; anxiety symptoms; depressive symptoms.

Abreviaturas e Siglas

BSI - Inventário de Sintomatologia Psicológica (Brief Symptom Inventory)

DIDS - Escala das Dimensões do Desenvolvimento Identitário (Dimensions of Identity Development Scale)

IRF- Inventário de Relação entre a Fratria(Sibling Relationship Inventory)

SPSS - Statistical Package for Social Sciences

Símbolos

DP - Desvio-Padrão

M - Média

N - Frequência absoluta

% - Percentagem (frequência relativa)

r - Coeficiente de Correlação de *Pearson*

Índice Geral

Agradecimentos	3
Resumo	4
Abstract	5
Abreviaturas e Siglas.....	6
Símbolos.....	6
Índice de Quadros	9
Introdução	10
Transição para idade adulta e sintomatologia psicopatológica.....	10
Desenvolvimento da identidade e ajustamento psicológico.....	11
Desenvolvimento da identidade e ajustamento psicológico: Contributos da perspectiva ecológica.....	14
Qualidade da relação fraternal: Abordagens dimensional e tipológica.....	15
Relação entre a qualidade das relações fraternais, ajustamento psicológico e desenvolvimento da identidade.....	16
Objetivos.....	17
Método	17
Participantes.....	17
Procedimento de recolha de dados.....	18
Instrumentos.....	18.
Questionário de dados sociodemográficos.....	18
Escala das Dimensões do Desenvolvimento Identitário	19
Inventário de Sintomatologia Psicológica.....	20
Inventário de Relação entre a Fratria	20
Procedimento de análise de dados	21
Resultados	22
Estatística descritiva correlações.....	22
Identificação e descrição das tipologias da relação entre irmão.....	23
Associação entre as tipologias da relação entre irmão e sintomatologia psicológica....	24
Discussão	26
Relação entre os processos de desenvolvimento da identidade, o afeto e a hostilidade	

fraternais e a sintomatologia ansiosa e depressiva.....	26
Tipologias da qualidade das relações fraternais e associação com sintomatologia psicológica e processos identitários.....	28
Implicações para a literatura e para a prática.....	29
Limitações e Estudos Futuros	30
Referências	32
ANEXOS.....	40
Anexo I: Consentimento informado - Adultos emergentes.....	41

Índice de Quadros

Quadro 1 Estatística Descritiva e Análise das Correlação entre Afeto fraternal, Hostilidade fraternal, Depressão, Ansiedade, compromisso, Identificação com compromisso, Exploração em amplitude, Exploração em profundidade, Exploração ruminativa.	23
Quadro 2 Frequências, Percentagens, Médias e Desvio-padrão dos Grupos definidos pela Análise de Clusters com as Variáveis Afeto e Hostilidade.....	24
Quadro 3. Estatística descritiva da sintomatologia ansiosa e depressiva e das dimensões do processo de desenvolvimento identitário, para cada tipologia de fraternal identificada.....	25

Introdução

O período desenvolvimental que decorre entre o final da adolescência e o início da fase adulta (i.e., sensivelmente entre os 18 e os 30 anos) foi designado de adultez emergente (Arnett, 2000, 2001, 2004). Realça-se, contudo, a influência que o contexto sociocultural assume na delimitação desta etapa, ou seja, a duração e as características desta etapa são sensíveis a variáveis macrossistémicas (Arnett, 2000, 2015). Arnett (2000, 2006, 2004, 2006) sugeriu cinco dimensões relacionadas com os processos psicológicos experienciados na adultez emergente: experimentação, negatividade, sentimento de ambiguidade, autocentração e exploração da identidade. O processo de experimentação é conceptualizado como um período otimista, no qual o adulto emergente explora diversas oportunidades e possibilidades (e.g., académicas, laborais, relacionais) antes de assumir as responsabilidades *normativas* da vida adulta. A negatividade refere-se à instabilidade, frustração e sobrecarga associadas aos desafios experienciados e às exigências sociais. O sentimento de ambiguidade traduz-se numa perceção de si ambígua, isto é, os adultos emergentes não se consideram adolescentes, mas também não se sentem preparados para assumir um papel de adultos. A autocentração foca-se na forma em como os adultos emergentes experimentam a autonomia e a liberdade pessoal (Baggio, Studer, Iglesias, Daeppen, & Gmel, 2015). A exploração da identidade está associada à exploração de diferentes áreas da vida à medida que estabelecem compromissos e que se autodefinem (Arnett 2007; Cotê, 2006).

Com efeito, a experienciação destes processos psicológicos característicos na adultez emergente poderá contribuir para o desenvolvimento de sintomatologia psicopatológica (e.g., perturbações depressivas e ansiosas) (Arnett, 2014; Arnett & Schwab, 2013; Baldwin et al., 2005; Craddock, O'Donovan & Owen, 2005; Kessler, Berglund, Demler, Jin, & Walters, 2005; Tanner, 2014). De acordo com a perspetiva da Psicopatologia do Desenvolvimento (e.g., Cicchetti & Cohen, 2006; Soares, 2000), sabemos que a qualidade das relações familiares está associada à (in)adaptação das trajectórias desenvolvimentais ao longo do ciclo de vida. O papel da qualidade das relações na fratria no ajustamento individual na adultez emergente tem sido subvalorizado, já que a maioria dos trabalhos se focam na importância do funcionamento familiar na infância e na adolescência. Esta questão torna-se particularmente relevante, considerando que as relações fraternais sendo as mais duradouras, funcionam como um laboratório social, pelo que os irmãos/as irmãs são figuras influentes no desenvolvimento da identidade (Solmeyer, McHale, & Crouter,

2014). Assim, considera-se que a análise do desenvolvimento da identidade e da emergência de sintomatologia ansiosa e depressiva na adultez emergente pode ser melhor compreendida através do aprofundamento do papel das relações familiares, especificamente das relações na fratria. Assim, atendendo à pertinência e ao interesse científico deste tópico, parece-nos relevante, a partir das dimensões afeto e hostilidade fraternal, identificar tipologias de funcionamento fraternal e compreender de que forma estas se relacionam com a sintomatologia ansiosa e depressiva e os processos de desenvolvimento da identidade na adultez emergente.

Desenvolvimento da identidade e ajustamento psicológico

O conceito de identidade é considerado abrangente e complexo, pelo que tem suscitado dificuldades na sua operacionalização entre a comunidade científica (Costa, 1991). Vignoles, Schwartz e Luyckx (2011) consideram a existência de diferentes níveis identitários (e.g., individual, relacional e colectiva), de acordo com o conteúdo e com os processos através dos quais é formada, mantida e transformada ao longo do tempo. Deste modo, a identidade pode ser definida como um conjunto de características biológicas, psicológicas e sociodemográficas, que abrange diversos aspetos resultantes da interação entre o desenvolvimento pessoal e os contextos sociais (Vignoles et al., 2011). Sedikides e Brewer (2001) realçam o facto de que a identidade é o resultado do processo pessoal e de socialização que permite que a pessoa se reconheça e seja reconhecida socialmente.

O desenvolvimento da identidade, enquanto tarefa desenvolvimental psicossocial, inicia-se na adolescência e prolonga-se até ao início da idade adulta com a exploração e experimentação de papéis sociais (Erikson, 1968) e construção de um projeto pessoal autónomo (Andrade, 2016). A teoria do desenvolvimento psicossocial desenvolvida por Erikson (1968) tem sido a base de desenvolvimento de diversos modelos teóricos explicativos do desenvolvimento da identidade, nomeadamente, o modelo dos estados identitários (Marcia, 2002), o modelo do processo (Grotevant, 1987) e o modelo integrativo do desenvolvimento identitário (Luyckx et al., 2008).

O modelo de Marcia (2002), desenvolvido para validar empiricamente o trabalho de Erikson (1968), considera que a formação da identidade pode ser entendida através da intersecção de dois processos centrais: o compromisso (i.e., a adesão a um conjunto de objectivos, valores e crenças) e a exploração (i.e., o questionamento sistemático na tomada de decisão e alcance de objetivos). A partir destes processos,

Marcia (2002) derivou quatro estatutos de identidade: (1) identidade realizada (estabelecimento de compromissos após a exploração de alternativas), (2) difusão da identidade (ausência de exploração de alternativas e de compromissos), (3) identidade fechada (definição de compromissos e objectivos, sem um período de exploração prévia) e (4) identidade moratória (processo de exploração marcado pela dificuldade de tomada de decisão e de estabelecimento de compromissos). Não obstante que durante algumas décadas os estudos na área da identidade fossem, em grande parte, baseados no modelo de Marcia (1996), este modelo tem sido alvo de várias críticas. Neste sentido tem sido realçado o facto de que este modelo não captura adequadamente a continuidade espacial e temporal da identidade (Schwartz, 2001; Van Hoof, 1999), focos no produto da identidade e não no processo de desenvolvimento (Grotevant, 1998; Meeus, Iedema, Helsen, & Vollebergh, 1999; Stephen, Fraser, & Marcia, 1992) e o ênfase nas escolhas individuais em detrimento da relevância do contexto social (Côté & Levine, 1988).

O modelo integrativo do desenvolvimento identitário/modelo de ciclo duplo de Luyckx, Goossens, Soenens e Beyers (2006) corresponde a uma reformulação do modelo de estados identitários de Marcia (2002) e centra-se na forma como o processo de desenvolvimento identitário pode ser formulado após a formação de compromissos. Luyckx e colaboradores (2008) autores consideram que o desenvolvimento da identidade ocorre através de um processo com dois ciclos consecutivos de formação da identidade – formação do compromisso e avaliação do compromisso – que integram quatro processos distintos. O primeiro ciclo, formação do compromisso, centra-se nos processos através dos quais os indivíduos exploram diferentes alternativas da identidade (exploração de amplitude ou pró-ativa) e aderem a compromissos de identidade (compromisso, i.e., adesão a valores, objetivos e crenças) (Luyckx et al., 2013). O segundo ciclo de identidade – avaliação do compromisso – foca os processos através dos quais os indivíduos reavaliam os seus compromissos de identidade (exploração em profundidade, i.e., avaliação e exploração dos compromissos atuais) e avalia o grau em que eles se identificam e se sentem seguros em relação aos seus compromissos (identificação com compromisso, i.e., grau em que os compromissos se integram no seu sentido de self) (Luyckx et al., 2013). Deste modo, a exploração em amplitude e o compromisso representam o modo como os compromissos são formados; enquanto a exploração em profundidade e a identificação com o compromisso correspondem à forma como os compromissos são avaliados. Assim, os compromissos que são

percepcionados como inadequados num dado momento poderão ser explorados em profundidade num outro momento, por exemplo, quando o contexto muda (e.g., casamento, divórcio, desemprego) (Luyckx et al., 2011).

Posteriormente, o processo de exploração ruminativa foi adicionado ao modelo. Este é perspectivado como um bloqueador do desenvolvimento identitário ou um processo não adaptativo (Luyckx et al., 2008). Nas pessoas com níveis elevados de exploração ruminativa, a dificuldade em encontrar respostas satisfatórias às questões identitárias leva-as a um questionamento continuado em relação a essas questões e a sentimentos de incerteza e incompetência (Luyckx et al., 2011).

A adultez emergente, enquanto etapa desenvolvimental, tem sido associada ao surgimento de perturbações emocionais (e.g., *distress*) e de quadros psicopatológicos específicos (e.g., perturbações depressivas e ansiosas) (Kessler et al., 2005). De acordo com a perspectiva da Psicopatologia do Desenvolvimento (Cicchetti & Cohen, 2006; Soares, 2000), o insucesso na realização das tarefas desenvolvimentais associadas a cada etapa poderá traduzir-se na emergência de perturbação emocional (i.e., *distress* e mau-estar psicológico).

A sintomatologia psicológica, o funcionamento psicossocial e o bem-estar têm sido associados aos processos de desenvolvimento da identidade propostos por Lucky e colaboradores (2008). Estudos prévios mostraram que a identificação com o compromisso e o compromisso estão positivamente associados ao bem-estar psicológico (e.g., Schwartz et al., 2015) e negativamente associados à sintomatologia depressiva (e.g., Luyckx et al., 2008) e ansiosa (e.g., Sica, Sestito, & Ragozini, 2014). Relativamente aos processos de exploração, a literatura tem mostrado que a exploração em amplitude está positivamente associada à sintomatologia depressiva e a exploração em profundidade está negativamente associada ao consumo de substâncias (e.g., Luyckx et al., 2006). A exploração ruminativa, enquanto processo de risco para o desenvolvimento de uma identidade adaptativa (e.g., Beyers & Luyckx, 2016), prediz menores níveis de bem-estar e maiores níveis de psicopatologia (e.g., Luyckx & Robitschek, 2014; Schwartz et al., 2013).

Desenvolvimento da identidade e ajustamento psicológico: Contributos da perspectiva ecológica

O Modelo Ecológico de Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner, 1986) propõe uma leitura ecológica dos fatores associados aos resultados desenvolvimentais.

Considerando os diferentes níveis eco-sistémicos propostos, abordaremos os seus contributos para o desenvolvimento identitário e o ajustamento psicológico.

Do ponto de vista macrosistémico, realça-se a influência dos processos sociais (e.g., fatores sociais, económicos, políticos e culturais) no ajustamento psicológico e no desenvolvimento da identidade. Realçam-se, por exemplo, as alterações das estruturas familiares (Benvenuti, Mazzoni, & Piobbico, 2016; Francisco, Monteiro, Pinto, & Gaspar, 2016). À semelhança de outros países mediterrâneos, salienta-se o atraso no processo de autonomização e o prolongamento na transição para a idade adulta que resultam da ausência ou escassez de medidas sociais de apoio à independência dos adultos emergentes portugueses (Andrade, 2016). Para além disso, como, em Portugal, os percursos educativos tendem a ser mais longos (e.g., aumento do número de jovens a ingressar no ensino superior), tende a ocorrer o adiamento da inserção no mercado de trabalho, o prolongamento da coabitação com a família de origem (e, consequentemente, a manutenção da dependência financeira) e o adiamento de projetos familiares. A literatura sugere que estes fatores poderão impactar negativamente no desenvolvimento identitário, dificultando o processo de autonomização e independência através da manutenção do “ninho cheio” (Brandão et al., 2012; Mendonça et al., 2009).

Do ponto de vista microsistémico, há que considerar o papel da família enquanto sistema mais influente ao longo de todo o ciclo de vida (Bronfenbrenner, 1986). O contexto familiar sendo um sistema essencial para o desenvolvimento humano (Alarcão & Gaspar, 2007), influencia o desenvolvimento da identidade na adultez emergente (Luyckx et al., 2008; Sandhu et al., 2012; Scabini & Manzi, 2011). Atendendo à tendência atual do prolongamento da coabitação como a família na adultez (Brandão, Saraiva, & Matos 2012), há que referir que este pode apresentar um carácter disfuncional (Vieira & Rava, 2012), promovendo a dependência em relação à família, dificultando o compromisso social (Jablonski & Martino, 2013). Estas mudanças, tal como o papel que a família desempenha no processo desenvolvimental dos indivíduos, podem estar associadas à emergência de perturbações psicológicas, pelo que se torna necessário compreender melhor o papel das relações familiares (e intrafamiliares) no desenvolvimento de psicopatologia e da identidade na adultez emergente.

Diversos estudos têm sido focados na relação entre a família (e.g., clima familiar), o desenvolvimento da identidade e o ajustamento psicológico. Por exemplo, o estudo de Matheis e Adamns (2004) sugeriu que um desenvolvimento identitário adaptativo (i.e., com níveis elevados de compromisso e de identificação com o

compromisso) tende a emergir em contextos familiares caracterizados por níveis elevados de coesão e reduzidos de conflito (e.g., famílias descritas como mais apoiantes e menos conflituosas). Por outro lado, as evidências empíricas associam a percepção do funcionamento familiar como conflituoso ao desajustamento psicológico (e.g., Cruz, Narciso, Pereira, & Sampaio, 2014; Cusimano & Riggs, 2013), nomeadamente a perturbações do humor (e.g., Riggs & Han, 2009).

A fratria, enquanto subsistema do sistema familiar, inicia-se com o nascimento do segundo filho (Solmeyer, McHale & Crouter, 2014). A relação da fratria pode ser uma das mais duradouras da vida, perdurando do nascimento à idade adulta (Noller, 2005; Whaite, 2001). Esta durabilidade deve-se à frequência e quantidade de interações, experiências vivenciadas e à existência de papéis atribuídos que contribuem para a formação de um contexto descrito como único e essencial para o desenvolvimento (Cicirelli, 1982). Para além disso, as relações estabelecidas entre a fratria são descritas como um laboratório social, na medida em que os irmãos/as irmãs experimentam modelos de interação interpessoal simétricos, desenvolvendo competências sociais, emocionais e cognitivas (Minuchin, 1990). Através da imitação e de jogos, os irmãos/as irmãs aprendem a cooperar, liderar, competir, rivalizar e negociar (Alarcão, 2000; Goldsmid & Féres-Carneiro, 2011; Minuchin, 1990; Relvas, 2009; Faber & Mazlish, 1995; Silveira, 2009).

Qualidade da relação fraternal: Abordagens dimensional e tipológica

Na área da psicologia da família, a maioria dos estudos que tem sido conduzido baseia-se numa abordagem dimensional, centrando-se em dimensões que avaliam o funcionamento familiar, como a coesão, conflito, hierarquia, e adaptabilidade (Teodoro et al., 2009), ou a qualidade das relações fraternais, avaliando a hostilidade, o afeto, o tratamento diferencial (e.g., Pinheiro, Fernandes, & Relva, 2017; Portner & Riggs, 2016). Consistente com as propriedades da totalidade e da circularidade (Cicchetti & Cohen, 2006) e com a perspectiva sistémica, a abordagem tipológica das relações fraternais baseia-se nos pressupostos de que: as dimensões da relação fraternal estão relacionadas entre si e os efeitos de uma dimensão são dependentes dos níveis de outras dimensões (Prioste, Tavares, & Magalhães, 2019). Assim, a interdependência das dimensões das relações fraternais é diferente da soma das dimensões individuais. Assim, considerando que há fluidez e inter-influência entre as dimensões das relações fraternais, o estudo de uma dimensão específica, enviesará a influência de outras

dimensões e da relação entre elas na percepção da relação fraternal (Prioste, Tavares, & Magalhães, 2019). Deste modo, neste estudo recorreremos a uma abordagem tipológica da qualidade das relações fraternais.

Assim, as tipologias da qualidade das relações fraternais foram identificadas a partir das dimensões de afeto e hostilidade. Foram definidos os seguintes critérios para a identificação das tipologias da qualidade das relações fraternais: (a) fratrias afetivas apresentam tendencialmente valores elevados de afeto e baixos de hostilidade; (b) as fraterias conflituosas apresentam tendencialmente valores elevados de hostilidade e baixos de afeto; e (c) as fratrias equilibradas apresentam tendencialmente valores médios de afeto e hostilidade, em relação aos restantes grupos.

Relação entre a qualidade das relações fraternais, ajustamento psicológico e desenvolvimento da identidade

A literatura tem sido consistente em relação ao facto da fratria assumir um papel essencial no desenvolvimento individual e interpessoal. Apesar de existirem diversos estudos focados na relação entre a qualidade da relação fraternal e o ajustamento psicológico, não foram identificados estudos que analisem a relação entre a qualidade destas relações e o desenvolvimento da identidade na adultez emergente.

No que concerne à relação entre qualidade da relação fraternal e o ajustamento psicológico, alguns trabalhos com amostras de adultos emergentes têm mostrado uma associação positiva entre o afeto fraternal e o bem-estar psicológico (e.g., Cicirelli 1995; Feinberg et al., 2012; McHale, Whiteman, Kim, & Crouter, 2007; Milevsky, 2005; Pike, Coldwell, & Dunn, 2005; Spitzer, Liss, Spahr, Dorman, & Lansford, 2009), a satisfação com a vida e a autoestima (Conger & Little 2010; Milevsky, 2005). Para além disso, a evidência empírica mostra que as relações fraternais com níveis mais elevados de afeto e níveis mais baixos de conflito e tratamento diferenciado estão associadas negativamente a perturbações de internalização e a comportamentos de externalização (Buist et al., 2013; Milevsky, 2005). Por exemplo, o trabalho de Milevsky (2005) que avaliou a relação entre o apoio percebido na fratria e o ajustamento psicológico, numa amostra de 305 adultos emergentes ($M_{idade} = 22.41$, $DP = 3.25$), mostrou a existência de uma associação negativa entre o apoio na fratria, a solidão e a depressão, e uma associação positiva entre o apoio na fratria, a autoestima e a satisfação com a vida. A literatura também mostra que a qualidade positiva das relações fraternais pode

compensar o reduzido suporte parental e dos pares (Milevsky & Levitt, 2005; Shanahan, McHale, Crouter, & Osgood, 2008; Voorpostel & Blieszner, 2008).

Objetivos

Tendo em conta as lacunas identificadas na literatura (e.g., maioria dos estudos recorrer a uma abordagem dimensional para estudar a qualidade das relações fraternais e escassez de trabalhos que analisem o papel do subsistema fraternal no ajustamento psicológico e no desenvolvimento identitário na adultez emergente), o presente estudo, através de um desenho quantitativo transversal, pretende: (1) analisar a relação entre os processos de desenvolvimento da identidade (i.e., compromisso, identificação com o compromisso, exploração em profundidade, exploração em amplitude e exploração ruminativa), a qualidade da relação na fratria (i.e., afeto e hostilidade) e a sintomatologia ansiosa e depressiva; (2) identificar as tipologias da qualidade das relações fraternais, a partir das dimensões afeto e hostilidade fraternal; e (3) analisar a associação entre as tipologias da qualidade das relações fraternais, os processos de desenvolvimento da identidade e a sintomatologia ansiosa e depressiva.

Método

Participantes

A amostra é constituída por 292 adultos emergentes ($N = 292$) com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos ($M = 23.33$, $DP = 4.09$). A maioria dos participantes é do género feminino ($n = 176$; 60.3%) e reside na Grande Lisboa (48.3%). Em relação à situação profissional, 50% é estudante, 32.5% trabalhador, 6.5% trabalhador-estudante e 5.1% encontra-se desempregado. Ao nível da escolaridade, 46.2% frequenta o ensino superior, 30.1% tem entre 10-12 anos de escolaridade e 18.2% concluiu o ensino superior. A maioria dos participantes (76%) nunca teve acompanhamento psicológico e/ou psiquiátrico, 18.8% teve acompanhamento no passado e 4.8% é acompanhado atualmente. No que concerne a situação afetivo-relacional, 41.4% não tem nenhuma relação, 39.7 % tem uma relação de namoro, 8.9% é casado e 8.2% está em união de facto. A maioria da amostra (49.3%) tem um irmão/uma irmã biológico/a, 25.7 % tem dois irmãos/duas irmãs biológico/as e 18.5% tem três ou mais irmãos/irmãs biológicas.

Procedimentos de recolha da amostra

A recolha de dados teve início após a aprovação do projeto de investigação pela Comissão de Ética e Deontologia em Investigação Científica (CEDIC) da Escola de Psicologia e de Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (EPCV, ULHT). A amostra foi seleccionada a partir de uma amostra mais alargada de 341 participantes. Para inclusão na amostra deste estudo foram estabelecidos os seguintes critérios: ter a nacionalidade portuguesa; ter idades compreendidas entre 18 e 30 anos; ter, pelo menos, um irmão ou uma irmã com idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos. Uma amostra de 292 participantes cumpriu os critérios de inclusão estabelecidos, tendo sido integrada no presente estudo.

A amostra foi recolhida através de um método não probabilístico denominado bola-de-neve, sendo, por isso, uma amostra de conveniência. A amostra foi recolhida presencialmente através de procedimentos informais em grupo (i.e., no contexto de sala de aula em diversas instituições do ensino superior) e individualmente (e.g., redes sociais das investigadoras).

Após a leitura e assinatura do termo de consentimento informado, os participantes responderam aos questionários de forma voluntária e sem receberem recompensa. As investigadoras mostraram-se disponíveis para esclarecerem dúvidas relacionadas com as questões. Os questionários foram entregues e devolvidos num envelope.

Instrumentos

Questionários de dados sociodemográficos. Foi utilizado um Questionário de Dados Sociodemográficos para recolher dados individuais (e.g., idade, género, nível de escolaridade, situação relacional, zona de residência, acompanhamento psicológico), familiares (com quem vive) e fraternais (quantidade de irmãos/irmãs, idades, género, posição na fratria, nível da escolaridade dos irmãos/das irmãs).

Escala das Dimensões do Desenvolvimento de Identidade (*Dimensions of Identity Development Scale*, DIDS; versão original: K. Luyckx et al., 2008; tradução e adaptação para a população portuguesa: Prioste, Lugar, Paulino, Jongenelen, & Rosa, 2018). A DIDS foi utilizada para avaliar os processos de desenvolvimento da identidade. A DIDS é um instrumento de autorrelato composto por 25 itens que avaliam os cinco processos de desenvolvimento da identidade propostos por Luyckx e

colaboradores (2008): Exploração em profundidade, que avalia a exploração e adesão de alternativas da identidade (e.g. “Falo com outras pessoas sobre os meus planos para o futuro.”); Exploração em amplitude, mede a exploração de diversas possibilidades que precedem a adesão ao compromisso (e.g., “Estou a pensar em diferentes estilos de vida que podem ser bons para mim”.); Compromisso, avalia a adesão a compromisso (e.g., “Tenho uma imagem do que vou fazer no futuro.”); Identificação com o compromisso, mede o grau de segurança e de identificação em relação aos compromissos assumidos (e.g., “Os meus plano para o futuro dão-me autoconfiança”.); e Exploração ruminativa, avalia a exploração progressiva de diversas alternativas e a adesão ao compromissos (e.g., “Tenho dúvidas sobre o que quero realmente alcançar na vida.”). Cada dimensão é avaliada por cinco itens respondidos numa escala de *Likert* de cinco pontos de 1 = *Discordo fortemente* a 5 = *Concordo fortemente*. As pontuações de cada dimensão são calculadas através da média dos itens. Pontuações mais elevadas num processo identitário reflectem um nível mais elevado de desenvolvimento desse processo.

No estudo de validação da DIDS (Luyckx et al., 2008), as dimensões da escala mostraram níveis adequados de consistência interna, variando entre $\alpha = .79$ para a dimensão Exploração em profundidade e entre a $\alpha = .86$ para as dimensões Compromisso, Identificação com o compromisso e Exploração ruminativa. No estudo da validação da DIDS para a população portuguesa, com uma amostra de 403 participantes com idades compreendidas entre os 15 aos 29 anos, as dimensões da escala mostraram também níveis adequados de consistência interna, variando entre $\alpha = .68$ para a dimensão Exploração em profundidade e a $\alpha = .87$ para a dimensão Compromisso (Prioste et al., 2018). No presente estudo, as cinco dimensões revelaram igualmente níveis de consistência interna aceitáveis, variando entre $\alpha = .63$ para a dimensão Exploração em Profundidade e $\alpha = .91$ para a dimensão Compromisso.

Inventário de Sintomas Psicopatológicos (*Brief Symptom Inventory*, BSI; versão original: Derogatis, 1982; tradução e adaptação para a população portuguesa: M. C. Canavarro, 1999). O BSI é um instrumento de autorrelato composto por 53 itens que avaliam nove dimensões de sintomas psicopatológicos (i.e., Somatização, Obsessão-compulsão Sensibilidade interpessoal, Depressão, Ansiedade, Hostilidade, Ansiedade fóbica, Ideação paranóide e Psicoticismo) e três índices globais (que correspondem a avaliação sumárias de perturbação emocional). A tarefa de cada

participante consiste em avaliar o grau de intensidade em que foi afetado, ao longo da última semana, por cada um dos sintomas, através de uma escala de *Likert* de cinco pontos (0 = *Nunca* e 4 = *Muitíssimas vezes*). No presente estudo só foram utilizadas as dimensões Ansiedade e Depressão. A dimensão Depressão é composta por seis itens que avaliam sintomas de afecto e do humor disfórico, perda de energia, falta de motivação e de interesse pela vida (e.g., “Sentir-se sozinho.”). A dimensão Ansiedade integra seis itens (e.g., “Nervosismo ou tensão interior.”) referentes a nervosismo e tensão, sintomas de ansiedade generalizada e de ataques de pânico. No estudo de validação desenvolvido por Canavarro (1999), com uma amostra de 551 indivíduos, as dimensões revelaram um nível adequado de consistência interna, variando entre $\alpha = .62$ para a dimensão Psicoticismo e $\alpha = .79$ para a dimensão Somatização. No presente estudo, as dimensões utilizadas mostraram também um nível adequado de consistência interna: $\alpha = .83$ na dimensão Ansiedade e $\alpha = .86$ na dimensão Depressão.

Inventário de Relação entre a Fratria (*Sibling Relationship Inventory*, IRF; versão original: Stocker & McHale, 1992; versão traduzida e adaptada para a investigação: Lourenço, Portugal, Sotero, Magalhães, & Prioste, in press). O IRF é um instrumento de autorrelato constituído por 12 itens que avaliam as relações na fratria através da frequência com que ocorre um conjunto de sentimentos e de comportamentos, numa escala de *Likert* de cinco pontos (de 1 = *Nunca* a 5 = *Sempre*). O IRF avalia duas dimensões das relações entre irmãos: Afeto, constituída por oito itens focados em comportamentos fraternais que expressam intimidade, cuidado e afeto (e.g., “Com que frequência faz coisas boas como ajudar ou fazer favores ao seu irmão/à sua irmã?”); e hostilidade que engloba quatro itens focados em comportamentos fraternais conflituosos, de crítica e emoções negativas (e.g., “Com que frequência se sente irritado ou zangado com o seu irmão/a sua irmã?”).

No estudo de validação do IRF para a população portuguesa, com uma amostra de 249 adultos emergentes, o instrumento revelou propriedades psicométricas adequadas: $\alpha = .83$ e $r_{m.i} = .39$ para a dimensão Afeto e $\alpha = .72$ e $r_{m.i} = .40$ para a dimensão Hostilidade. No presente estudo, as dimensões utilizadas mostraram o mesmo nível de consistência interna.

Procedimento de análise de dados

A análise de dados foi realizada com recurso ao software *Statistical Package for the Social Science* (SPSS), versão 22. Em todos os procedimentos estatísticos, foi estabelecido um nível de significância de 5% ($p < .05$). Para dar resposta ao primeiro objetivo proposto, procedeu-se à análise da estatística descritiva das variáveis (afeto fraternal, hostilidade fraternal, ansiedade, depressão, compromisso, identificação com o compromisso, exploração em profundidade, exploração em amplitude e exploração ruminativa) e análise das correlações, através do teste de correlação de *Pearson* (Marôco, 2007).

Foi realizada uma análise de clusters para identificar as tipologias da qualidade das relações fraternais, a partir das dimensões afeto e hostilidade fraternal (segundo objetivo proposto). Considerando as tipologias da qualidade das relações fraternais como uma variável, foram identificados três grupos, através do método não hierárquico *k-means* (Hartigan & Wong, 1979). Com o intuito de identificar as variações nas tipologias, foram conduzidos análises de variância multivariada (MANOVAs), usando os cinco grupos que foram definidos pela análise de clusters como fatores inter-sujeitos e as medidas de afeto e hostilidade como variáveis dependentes. Seguidamente, foram realizadas análises univariadas (ANOVAs com testes de Duncan) para facilitar a interpretação do significado de cada grupo identificado. Para compreender as características de cada grupo e as suas diferenças no que se refere às dimensões dos processos de desenvolvimento identitário e à sintomatologia ansiosa e depressiva, realizou-se um conjunto de MANOVAs, seguido de ANOVAs com testes de Duncan para perceber o efeito das diferenças (terceiro objetivo).

Resultados

Estatística descritiva e análise das correlações

O Quadro 1 apresenta a estatística descritiva e a análise das correlações entre as variáveis em estudo. Pela análise dos resultados observa-se que a depressão se associa significativa e positivamente com a ansiedade (associação forte), exploração em amplitude (associação fraca), exploração ruminativa (associação moderada) e hostilidade entre irmãos (associação fraca) e negativamente com o compromisso e identificação com o compromisso (associações fracas). A dimensão ansiedade encontra-se associada significativa e positivamente com exploração em amplitude (associação fraca), exploração ruminativa e hostilidade fraternal (associações moderadas). Observaram-se associações significativas entre o compromisso e a identificação com o compromisso (associação positiva e forte) e entre o compromisso e a exploração ruminativa (associação negativa e moderada). A exploração em amplitude encontra-se associada significativa e positivamente à exploração ruminativa e exploração em profundidade (associações fracas) e ao afeto fraternal (associação positiva fraca). Verificou-se que a exploração ruminativa se encontra significativamente associada à identificação com o compromisso (associação negativa e moderada) e à exploração em profundidade (associação positiva e fraca). Por último, a identificação com o compromisso encontra-se significativamente associada à exploração em profundidade (associação fraca e positiva) e o afeto encontra-se significativamente associado à hostilidade (associação fraca e negativa).

Quadros 1.

Estatística Descritiva e Análise das Correlação entre Afeto fraternal, Hostilidade fraternal, Depressão, Ansiedade e os Processos de Desenvolvimento da Identidade (N = 292)

Variáveis	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1. Depressão	-.								
2. Ansiedade	.77**	-							
3. Compromisso	-.28**	-.12	-						
4. Eamplitude	.15*	.22**	.14	-					
5. Eruminativa	.39**	.31**	-.50**	.29**	-				
6. Icompromisso	-.24**	-.12	.67**	.05	-.41**	-			
7. Eprofundidade	.016	.05	.14	.27**	.25**	.19*	-		
8. Afeto	.12	-.06	.09	.17*	-.03	.10	.10	-	
9. Hostilidade	.28**	.30**	-.13	-.05	.14	-.14	-.04	-.18*	-
M	.81	.81	3.89	3.83	3.14	3.68	3.43	26.95	8.85
DP	.77	.70	.79	.66	.84	.68	.64	6.04	2.55

*Nota: EAmplitude = Exploração em amplitude; ERuminativa = Exploração ruminativa; ICompromisso = Identificação com o compromisso; EProfundidade = Exploração em profundidade. * $p < .05$; ** $p < .01$*

Identificação e descrição das tipologias da qualidade das relações fraternais

O quadro 2 apresenta os perfis dos clusters identificados em relação à qualidade das relações fraternais. A análise de variância multivariada revelou um efeito significativo dos clusters nas variáveis afeto e hostilidade ($F(2,179) = 134.10, p < .001, \eta_p^2 = .$). As análises subsequentes sobre os efeitos univariados (e.g., ANOVAs) revelaram que as diferenças entre os grupos são significativas ($F_{afeto}(24) = 136.57, p < .001, \eta_p^2 = .$; $F_{hostilidade}(2) = 22.47, p < .001, \eta_p^2 = .$).

Quadro 2.

Frequências, Percentagens, Médias e Desvio-padrão dos Grupos definidos pela Análise de Clusters com as Variáveis Afeto e Hostilidade (N = 183)

Grupos definidos através da análise de clusters

	1	2	3
<i>N</i>	49	89	45
%	26.78%	48.63%	24.59%
Designação da tipologia de relação fraternal	Conflituosas	Afetivas	Equilibradas
Medidas	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>
Afeto	3.14 _b ()	3.93 _a ()	2.57 _c ()
Hostilidade	3.04 _a ()	1.92 _b ()	1.93 _b ()

Os perfis dos clusters que foram identificados em relação à qualidade de relação fraternal podem ser designados por: Grupo 1, fratrias Conflituosas – este grupo inclui 26.78% dos participantes que percecionam as fratrias com níveis mais elevados de hostilidade, em relação aos restantes grupos; Grupo 2, fratrias Afetivas, que inclui 48.63% dos participantes que percecionam as famílias com níveis mais elevados que afeto, em comparação com os restantes grupos; Grupo 3, fratrias Equilibradas, que é composto por 24.59% dos participantes que percecionam as fratrias com níveis baixos de hostilidade e de afeto.

Associação entre as tipologias da qualidade das relações fraternais, os processos de desenvolvimento da identidade e a sintomatologia ansiosa e depressiva

O Quadro 3 apresenta as pontuações médias e os desvios-padrão dos processos de desenvolvimento identitário e da sintomatologia ansiosa e depressiva para cada tipologia de relação fraternal identificada. Como foi referido, as diferenças significativas entre os grupos foram analisadas através do teste Duncan.

Quadro 3.

Estatística descritiva da sintomatologia ansiosa e depressiva e das dimensões do processo de desenvolvimento identitário, para cada tipologia da relação fraternal identificada

	Sintomatologia depressiva	Sintomatologia ansiosa	Exploração em profundidade	Exploração em amplitude	Exploração ruminativa	Compromisso	Identificação com o compromisso
Tipologia da relação fraterna	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>
Conflituosas	1.12 _a	1.06 _a	3.32 _a	3.75 _a	3.37 _a	3.62 _b	3.47 _b
Afetivas	.72 _b	.66 _b	3.50 _a	3.94 _a	3.13 _{a,b}	3.97 _a	3.74 _a
Equilibradas	.67 _b	.77 _b	3.37 _a	3.72 _a	3.03 _b	3.99 _a	3.78 _a

Em relação à sintomatologia ansiosa e depressiva, a análise de diferenças entre as tipologias mostrou que os participantes das fratrias com uma relação Conflituosa apresentam o valor mais elevado de sintomatologia ansiosa e depressiva e que os participantes das fratrias com relações Afetivas e Equilibradas apresentam o nível de sintomatologia ansiosa e depressiva mais baixo.

No que concerne aos processos de desenvolvimento da identidade, especificamente à dimensão Exploração ruminativa, verificou-se que os participantes de fratrias com uma relação Conflituosa apresentam os níveis mais elevados que os participantes de fratria com uma relação Equilibrada, no entanto não se verificam diferenças entre os participantes de fratrias com relações Conflituosas e Afetivas e entre os participantes de fratrias com relações Afetivas e Equilibradas. Relativamente à Identificação com o compromisso e ao Compromisso observou-se que os participantes de fratrias com uma relação Conflituosa apresentam os níveis mais baixos. Não se verificaram diferenças significativas entre as tipologias em relação aos níveis dos processos Exploração em amplitude e Exploração em profundidade.

Discussão

O presente estudo pretendeu analisar, numa amostra de adultos emergentes com irmãos/irmãs e com idade compreendida entre os 18 e os 30 anos: (1) a relação entre os cinco processos de desenvolvimento da identidade propostos por Luyckx e colaboradores (2008), o afeto e a hostilidade fraternais e a sintomatologia ansiosa e depressiva; (2) identificar as tipologias da qualidade das relações fraternais, a partir das dimensões afeto e hostilidade fraternal; e (3) analisar a associação entre as tipologias da qualidade das relações fraternais, os processos de desenvolvimento da identidade e a sintomatologia ansiosa e depressiva. Atendendo às lacunas identificadas na literatura, este trabalho visou contribuir para o aprofundamento do conhecimento científico na área do desenvolvimento da identidade e das relações fraternais na adultez emergente.

Relação entre os processos de desenvolvimento da identidade, o afeto e a hostilidade fraternais e a sintomatologia ansiosa e depressiva

Relativamente à associação entre o afeto fraternal e os processos de desenvolvimento da identidade, só foi encontrada uma associação positiva entre o afeto e a exploração em amplitude (apesar de fraca). Esta sugere que, quanto maior o nível de intimidade e cuidado na relação fraternal, maior o nível de exploração das alternativas

identitárias antes do estabelecimento de compromissos. Este resultado poderá suportar a ideia de que as relações afetivas entre irmãos/irmãs funcionam como um contexto de suporte à exploração identitária, o que vai ao encontro da literatura que aponta para que o contexto fraternal tenha um papel relevante no desenvolvimento individual e social (Relvas, 2002).

Não se verificaram associações significativas entre o afeto e a sintomatologia depressiva e ansiosa, o que não corrobora os trabalhos anteriores que sugeriam a existência de uma relação negativa entre estas variáveis (Buist et al., 2013; Buist & Vermande, 2014). À semelhança do proposto por Lourenço e colaboradores (in press), poder-se-á supor que a relação entre o afeto fraternal e este tipo de sintomatologia seja mediada por outras variáveis, por exemplo a coabitação com os elementos da fratria.

Os resultados obtidos mostram que a hostilidade fraternal se associa significativa e positivamente com a sintomatologia depressiva e ansiosa. Estes resultados corroboram os estudos prévios que mostram a relação positiva entre relações fraternais com níveis elevados de conflito, crítica e negatividade emocional favorece emergência de perturbações emocionais (e.g., *distress*) ou quadros psicopatológicos (e.g., perturbações depressivas) (e.g., Stocker, 1994). Para além disso, o resultado em relação à associação entre a hostilidade fraternal e a sintomatologia ansiosa corrobora os resultados do estudo de Buist e colaboradores (2013), sublinhando o papel das relações fraternais na promoção de estratégias para regulação emocional.

Não se verificaram associações significativas entre a hostilidade fraternal e o desenvolvimento de identidade. A ausência de relações significativas entre estas variáveis poderá ser explicada atendendo aos processos psicológicos experimentados na adultez emergente, à autonomização e separação da família de origem (Arnett, 2004; Brandão et al., 2012; Mendonça, Andrade, & Fontaine, 2009) e às características relacionais da fratria nesta etapa desenvolvimental (Lourenço et al., in press). Assim, deveremos ter em conta, por um lado, a experiencição de um grau mais elevado de autocentração, com níveis mais elevados de autonomia e liberdade e liberdade pessoal (Arnett, 2004; Baggio et al., 2014); por outro, o facto das fratrias de adultos emergentes apresentarem maior simetria e diminuição das oportunidades de convívio, o que poderá também diminuir a conflituosidade (Cicirelli, 1995; Mota & Rocha, 2012; Portner & Riggs, 2016).

Relativamente às associações entre a sintomatologia ansiosa e depressiva e os processos de desenvolvimento da identidade, os resultados obtidos indicam associações

positivas entre a sintomatologia depressiva e ansiosa e a exploração em amplitude e exploração ruminativa anteriores (e.g., Crocetti et al., 2008; Crocetti, Schwartz, Fermani & Meeus, 2010; Luyckx, Schwartz, Goossens, Beyers, & Missotten, 2011; Luyckx et al., 2013)

As associações negativas encontradas entre a depressão e o compromisso e a identificação com o compromisso apoiam a ideia de que quanto mais os adultos emergentes que se comprometem e se identificam com as várias alternativas identitárias, após a sua exploração, menor nível de sintomatologia psicológica apresentam. Estes resultados apoiam também os resultados de estudos prévios (e.g., Luyckx, Schwartz, Goossens, Beyers, & Missotten, 2011; Luyckx et al., 2013).

Tipologias da qualidade das relações fraternais e associação com sintomatologia psicológica e processos identitários

Apesar da ausência de estudos que recorram à abordagem tipológica em relação à qualidade das relações fraternais a partir das dimensões de afeto e hostilidade, os resultados obtidos permitiram-nos identificar três tipos de relações, atendendo à dinâmica entre as dimensões avaliadas – Coesas, Conflituosas e Equilibradas.

O facto das fratrias com uma relação Conflituosa apresentarem níveis mais elevados de sintomatologia ansiosa e depressiva, em comparação com as outras tipologias relacionais, vai ao encontro da literatura que indica que a vivência em contextos familiares e fraternais conflituosos e hostis poderá traduzir-se no aumento do risco para o desenvolvimento de perturbações emocionais (e.g., Deater-Deckard & Lussier, 2002; Milevsky, 2005). Os participantes que estão integrados em fratrias Conflituosas revelaram também níveis inferiores de Identificação com o compromisso e ao Compromisso, o que vai de encontro à literatura que sugere que a conflituosidade familiar pode dificultar a adesão e estabelecimento de objetivos (Luyckx et al., 2006).

Os participantes que estão integrados em fratrias Conflituosas e Afetivas revelaram níveis superiores de Exploração ruminativa, em comparação com as fratrias Equilibradas. Este resultado sugere que a vivência num contexto fraternal Equilibrado poderá ser um contexto favorável ao desenvolvimento da identidade, evitando o questionamento constante e sentimentos de incerteza e incompetência motivados pela dificuldade em encontrar respostas satisfatórias às questões identitárias (Luyckx et al., 2011). Neste sentido, há ainda que considerar que a literatura sugere que a vivência num contexto familiar conflituoso poderá contribuir para que o adulto emergente sinta uma

maior dificuldade em prosseguir com os seus compromissos identitários, sem ruminação (Luyckx et al., 2006, 2008). Por outro lado, podemos hipotetizar que as relações fraternais Afetivas podem ser sentidas como fusionais, o que pode aumentar a tendência para o questionamento constante e uma maior dificuldade em assumir as alternativas identitárias escolhidas por pensamentos repetitivos associados à decepção do outro/a.

Implicações para a literatura e prática clínica

Tendo em conta a escassez de estudos sobre relações fraternais na adultez emergente (em comparação com o volume de trabalhos focados nestas relações no decorrer da infância e adolescência), este estudo poderá contribuir para a literatura na área da Psicologia da Família e da Psicologia do Desenvolvimento através do foco das relações intra-familiares nesta etapa desenvolvimental proposta recentemente. Para além disso, o facto de os resultados sugerirem que existe uma associação entre o afeto fraternal e processo de exploração em amplitude poderão também ter implicações para a literatura na área da identidade, ao realçarem o papel dos irmãos/irmãs no desenvolvimento da identidade.

Este estudo também vem dar resposta a uma outra lacuna identificada na literatura: inexistência de trabalhos focados nas tipologias das relações fraternais e na sua associação com a sintomatologia psicopatológica e os processos de desenvolvimento da identidade. Neste sentido, os resultados do trabalho sugerem que os adultos emergentes que pertencem a fratrias Conflituosas (níveis elevados de hostilidade e baixos de conflito) podem apresentar mais dificuldades desenvolvimentais, nomeadamente em termos da emergência de psicopatologia e de dificuldades no desenvolvimento da identidade.

Por último, os resultados poderão contribuir para o desenho de linhas de intervenção com adultos emergentes com irmãos/irmãs, realçando a importância de uma perspectiva de intervenção sistémica (com foco no sub-sistema fraternal), no sentido de favorecer uma trajectória desenvolvimental adaptativa.

Limitações e estudos futuros

Apesar do contributo modesto que este estudo possa ter para as áreas referidas, apresenta várias limitações. Em termos metodológicos, há que considerar as limitações associadas à amostra. Como este estudo foi realizado com uma amostra de conveniência, recolhida através de uma técnica não probabilística, os resultados obtidos

não podem ser generalizados para a população portuguesa. Visto que os instrumentos utilizados são medidas de autorrelato, levantam-se as questões associadas à desejabilidade social na resposta aos questionários, o que pode colocar em risco a validade dos resultados obtidos. Para além disso, releva-se o facto de que a amostra é constituída maioritariamente pelo género feminino, estudantes e residentes na mesma área geográfica.

Assim, considera-se importante que os estudos futuros possam incluir uma amostra mais alargada e mais equilibrada ao nível das variáveis sociodemográficas analisadas, de forma a aumentar a validade externa. Seria interessante estudar outras diferenças existentes entre as diferentes tipologias da qualidade das relações fraternais identificadas, nomeadamente, as diferenças entre as tipologias Conflituosas, Coesas e Equilibradas em termos da dimensão, composição com género e estrutura da família de origem (e.g., intacta, monoparental, reconstituída). Seria também interessante incluir outras variáveis, por exemplo, o tratamento parental diferencial e o clima familiar e estudar as suas associações com as tipologias fraternais identificadas.

Referências.

- Alarcão, M. (2000). *(Des)Equilíbrios familiares: Uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto.
- Alarcão, M., & Gaspar, M. F. (2007). Imprevisibilidade familiar e suas implicações no desenvolvimento individual e familiar. *Revista Paidéia*, 17(36), 56-58.
- Andrade, C. (2016). Maturidade psicológica e independência financeira: Um estudo com adultos emergentes universitários. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, 3(1), 28-35. doi:10.17979/reipe.2016.3.1.1457.
- Arnett, J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55, 469-480. doi:10.1037/0003-066X.55.5.469.
- Arnett, J. J. (2004) *Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties*. New York: Oxford University Press.
- Arnett, J. J. (2006). Emerging adulthood: Understanding the new way of coming of age. In J. J. Arnett & J. L. Tanner (Eds.), *Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century* (pp. 3-19). Washington, DC: American Psychological Association.
- Arnett, J. J. (2007). Emerging adulthood: What is it, and what is it good for? *Child Development Perspectives*, 1(2), 68-73. doi:10.1111/j.1750-8606.2007.00016.x
- Arnett, J. J., & Schwab, J. (2013). *Parents and their grown kids: Harmony, support, and (occasional) conflict*. Worcester, MA: Clark University.
- Arnett, J. J. (2015). *Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties (2nd Ed.)*. New York, NY: Oxford University Press.
- Baggio, S., Studer, J., Iglesias, K., Daeppen, J. B., & Gmel, G. (2016). Emerging adulthood a time of changes in psychosocial well-being. *Evaluation & the Health Professions*, 1-18. doi:10.1177/0163278716663602.
- Baggio, S., Iglesias, K., Studer, J., & Gmel, G. (2015). An 8-Item short form of the Inventory of Dimensions of Emerging Adulthood (IDEA) among young Swiss men. *Evaluation & the Health Professions*, 38, 246-254.
- Baldwin, D., Anderson, I., Nutt, D., Allgulander, C., Bandelow, B., Boer, J., et. al. (2005). Evidence-based guidelines for the pharmacological treatment of anxiety disorders: recommendations from the British Association for Psychopharmacology. *Journal of Psychopharmacology*, 19, 567-96.
- Benvenuti, M., Mazzoni, E., & Piobbico, G. (2016). Being online in emerging

- adulthood: Between problematic or functional. In. M., Wright (Serie Ed.), *Identity sexuality ,andrelationships among Emerging Adults in the Digital Age* (pp. 226-245). United States of America: IGI Global.
- Beyers, W., & Luyckx, K. (2016). Ruminative exploration and reconsideration of commitment as risk factors for suboptimal identity development in adolescence and emerging adulthood. *Journal of Adolescence*, 47, 169–178. doi:10.1016/j.adolescence.2015.10.018.
- Buist K. L., Deković M., & Prinzie P. (2013). Sibling relationship quality and psychopathology of children and adolescents: A meta-analysis. *Clinical Psychology Review*, 33, 97–106. 10.1016/j.cpr.2012.10.007.
- Buist K. L., & Vermande M. (2014). Sibling relationship patterns and their associations with child competence and problem behavior. *Journal of Family Psychology*, 28, 529–537. 10.1037/a0036990.
- Brandão, T., Saraiva, L., & Matos, P. M. (2012). O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: Especificidades do contexto português e brasileiro. *Análise Psicológica*, 15(3), 301-313.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, 22(6), 723-742. doi:10.1037/0012-1649.22.6.723.
- Canavarro, M. C. (1999). Inventário de sintomas psicopatológicos - BSI. In M. R. Simões, M. Gonçalves, & L. S. Almeida (Eds.), *Testes e provas psicológicas em Portugal* (vol. II, pp. 87-109). Braga: SHO-APPORT.
- Cicchetti, D., & Cohen, D. J. (2006). *Developmental Psychopathology. Volume 3: Risk, Disorder and Adaptation* (pp. 129-201). New York: John Wiley & Sons, Inc
- Cicirelli, V. C. (1982). Sibling influence throughout the lifespan. In M. E. Lamb & B. Sutton-Smith (Eds.), *Sibling relationships: Their nature and significance across the lifespan* (pp. 267-284). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Cicirelli, V. C. (1995). *Sibling relationships across the life span*. New York: Plenum.
- Conger, K., & Little, W. (2010). Sibling relationships during the transition to adulthood. *Child Development Perspectives*, 4, 87-94.
- Costa, M.E. (1991). *Contextos sociais de vida e desenvolvimento da identidade*. Lisboa: INIC.
- Cote, J. E., & Levine, C. (1988). A critical examination of the ego identity status paradigm. *Developmental Review*, 8, 147-184.

- Côté, J. E. (2006). Emerging adulthood as an institutionalized moratorium: Risks and benefits of identity formation. In J. J. Arnett & J. L. Tanner (Eds.), *Emerging adults in America: Coming of age in the 21st century* (pp. 85-116).
- Craddock, N., O'Donovan, M. C., & Owen, M. J. (2005) The genetics of schizophrenia and bipolar disorder: dissecting psychosis. *Journal of Medical Genetics*, 42, 193–204.
- Crocetti, E., Schwartz, S., Fermani, A., & Meeus, W. (2010). The Utrecht Management of Identity Commitments Scale (U-MICS): Italian validation and cross-national comparisons. *European Journal of Psychological Assessment*, 26, 169–183. doi: 10.1027/10155759/a000024.
- Crocetti, E., Rubini, M., & Meeus, W. (2008). Capturing the dynamics of identity formation in various ethnic groups: Development and validation of a three-dimensional model. *Journal of Adolescence*, 31, 207–222.
- Cruz, D., Narciso, I., Pereira, C. R., & Sampaio, D. (2014). Risk trajectories of self-destructiveness in adolescence: Family core influences. *Journal of Child and Family Studies*, 23(7), 1172–1181. doi:10.1007/s10826-013-9777-3.
- Cusimano, A. M., & Riggs, S. A. (2013). Perceptions of interparental conflict, romantic attachment, and psychological distress in college students. *Couple and Family Psychology: Research and Practice*, 2(1), 45–59. doi:10.1037/a0031657
- Deater-Deckard, K., Dunn, J., & Lussier, G. (2002). Sibling relationships and social-emotional adjustment in different family contexts. *Social Development*, 11, 571–590. doi:10.1111/1467-9507.00216.
- Erikson, E. H. (1968). *Identity, youth and crisis*. New York, NY: W.W. Norton.
- Faber, A., & Mazlish, E. (1995). *Jalousies et rivalités entre frères et sœurs*. Paris: Éditions Stock.
- Francisco, R., Monteiro, A., Pinto, J., & Gaspar, A. (2016). Reflexões sobre a família contemporânea. Estudo empírico com estudantes da Universidade Católica Portuguesa. In H. Pinto, & J. Sardica (Series Eds), *Família: Essência e Multidisciplinaridade* (pp.355-394). Lisboa: Universidade Católica Editora
- Goldsmid, R. & Féres-Carneiro, T. (2011). Relação fraterna: Constituição do sujeito e formação do laço social. *Psicologia USP*, 22(4), 771-78.).
- Jablonski, J., & Martino, S. D. (2013). A qualitative exploration of emerging adults' and parents' perspectives on communicating adulthood status. *The Qualitative Report*, 18(37), 1-12.

- Johnson, J. G., Cohen, P., Kasen, S., & Brook, J. (2008). Psychiatric disorders in adolescence and early adulthood and risk for child-rearing difficulties during middle adulthood. *Journal of Family Issues*, 29(2), 210-233.
- Kessler, R. C., Berglund, P. A., Demler, O., Jin, R., & Walters, E. E. (2005). Lifetime prevalence and age-of-onset distributions of DSM-IV disorders in the National Comorbidity Survey Replication (NCS-R). *Archives of General Psychiatry*, 62, 593-602.
- Klimstra, T. A., Hale, W. W., Raaijmakers, Q. A., W., Branje, S. J. T., & Meeus, W. H. J. (2010). Identity formation in adolescence: Change or stability? *Journal of Youth and Adolescence*, 39, 150-162.
- Laursen, B., Finkelstein, B. D., & Betts, N. (2001). A developmental meta-analysis of peer conflict resolution. *Developmental Review*, 21, 423-449.
- Luyckx, K. & Robitschek, C. (2014). Personal growth initiative and identity formation in adolescence through young adulthood: Mediating processes on the pathway to well-being. *Journal of Adolescence*, 37, 973-981.
- Luyckx, K., Klimstra, T. A., Duriez, B., Van Petegem, S., & Beyers, W. (2013). Personal identity processes from adolescence through the late 20s: Age trends functionality, depressive symptoms. *Social Development*, 22(4), 701-721. doi:10.1111/sode.12027.
- Luyckx, K., Schwartz, S. J., Goossens, L., Beyers, W., & Missotten, L. (2011). A processoriented model of identity formation and evaluation. In S. J. Schwartz, K. Luyckx, & V. L. Vignoles (Eds.), *Handbook of identity theory and research* (pp. 77-98). New York, NY: Springer.
- Luyckx, K., Seiffge-Krenke, I., Schwartz, S. J., Goossens, L., Weets, I., Hendrieckx, C., & Groven, C. (2008). Identity development, coping, and adjustment in emerging adults with a chronic illness: The sample case of type 1 diabetes. *Journal of Adolescent Health*, 43, 451-458.
- Luyckx, K., Schwartz, S. J., Berzonsky, M. D., Soenens, B., Vansteenkiste, M., Smits, I., & Goossens, L. (2008). Capturing ruminative exploration: Extending the four-dimensional model of identity formation in late adolescence. *Journal of Research in Personality*, 42, 58-82. doi:10.1016/j.jrp.2007.04.004.
- Luyckx, K., Goossens, L., & Soenens, B. (2006). A developmental contextual perspective on identity construction in emerging adulthood: Change dynamics in commitment formation and commitment evaluation. *Developmental Psychology*,

42, 366–380.

Marcia, J. E. (2002). Identity and psychosocial development in adulthood. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 2, 7–28.

Marcia, J. E. (1966). Development and validation of ego identity status. *Journal of Personality and Social Psychology*, 3, 551–558.

Marôco, J. (2007). *Análise estatística – Com utilização do SPSS* (3ª Ed.). Lisboa: Edições Sílabo, Lda.

McHale, S. M., Whiteman, S. D., Kim, J. Y., & Crouter, A.

C. (2007). Characteristics and correlates of sibling relationships in two-parent African American families. *Journal of Family Psychology*, 21, 227–235. doi:10.1037/0893-3200.21.2.227.

Matheis, S., & Adams, G. R. (2004). Family climate and identity style during late adolescence. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 4(1), 77-95. doi:10.1207/S1532706XID0401_5.

McHale, S. M., Crouter, A. C., McGuire, S., & Updegraff, K. A. (1995). Congruence between mothers' and fathers' differential treatment of siblings: Links with family relations and children's well-being. *Child Development*, 66, 116–128.

Mendonça, M., Andrade, C., & Fontaine, A. (2009) Transição para a idade adulta e adultez emergente: adaptação do Questionário de Marcadores da Adultez junto de jovens Portugueses. *Psychologica*, 51, 147- 168.

Meeus, W., Iedema, J., Helsen, M., & Vollebergh, W. (1999). Patterns of adolescent identity development: Review of literature and longitudinal analysis. *Developmental Review* 19, 419–461.

Milevsky, A. (2005). Compensatory patterns of sibling support in emerging adulthood: Variations in loneliness, self-esteem, depression, and life satisfaction. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22(6), 743-755.

Milevsky, A., & Levitt, M. J. (2005). Sibling support in early adolescence: Buffering and compensation across relationships. *European Journal of Developmental Psychology*, 2, 299-320.

Minuchin, S. (1990). *Famílias: funcionamento e tratamento*. Trad. Jurema Alcides Cunha. Porto Alegre: Artes Médicas.

Moffitt, T. E., Harrington, H. L., Caspi, A., Kim-Cohen, J., Goldberg, D., Gregory, A. M., & Poulton, R. (2007). Depression and generalized anxiety disorder: Cumulative and sequential comorbidity in a birth cohort followed to age 32. *Archives of General Psychiatry*, 64, 651-660.

- Mota, C. P., & Rocha, M. (2012). Crescimento pessoal na adolescência e jovem adultícia: Separação-individação e o jogo das relações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 28(3), 357-367.
- Noller, P. (2005). Sibling relationships in adolescence: Learning and growing together. *Personal Relationships*, 12, 1-22. doi:10.1111/j.1350-4126.2005.00099.x.
- Parke, R. D., & O'Neil, R. (1999). Social relationships across contexts: Family-peer linkages. In W. A. Collins, & B. Laursen (Eds.), *Relationships as developmental contexts: The Minnesota symposia on child psychology*, (pp. 211– 239). Vol 30. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Pike, A., Coldwell J., & Dunn J. F. (2005). Sibling relationships in early/middle childhood: Links with individual adjustment. *Journal of Family Psychology*, 19, 523–532. doi:10.1037/0893-3200.19.4.523.
- Portner, L. C., & Riggs, S. A. (2016). Sibling relationships in emerging adulthood: Associations with parent-child relationship. *Journal of Child and Family Studies*, 25, 1755-1764. doi: 10.1007/s10826-015-0358-5.
- Prioste, A., Lugar, A., Paulino, P., Jongenelen, I., & Rosa, P. J. (2018). Escala das Dimensões do Desenvolvimento da Identidade: Estudos psicométricos iniciais. *Revista Psicologia*, 32(2), 1-14. doi:10.17575/rpsicol.v32i2.1244
- Prioste, A., Lugar, A., Paulino, P., Jongenelen, I., & Rosa, P. (in press). Escala das Dimensões do Desenvolvimento da Identidade: Estudos psicométricos iniciais. *Psicologia*.
- Relvas, A. P., & Alarcão, M. (2002). *Novas formas de família*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Riggio, HR (2000). Medindo as atitudes em relação aos relacionamentos entre irmãos adultos: O tempo de vida Escala de relacionamento entre irmãos. *Jornal de Relações Sociais e Pessoais*, 17, 707-728
- Sandhu, D., Singh, B., Tung, S., & Kundra, N. (2012). Adolescent identity formation, psychological well-being, and parental attitudes. *Pakistan Journal of Psychological Research*, 27(1), 89-105.
- Scabini, E., & Manzi, C. (2011). Family processes and identity. In S. J. Schwartz, K. Luyckx, & V. L. Vignoles (Eds.), *Handbook of identity theory and research* (pp. 565– 584). New York: Springer.

- Silveira, M. (2009). Da rivalidade ao amor: Irmãos para sempre. *Investigação*, 9(1), 33-44.
- Schachter, E. P., & Ventura, J. J. (2008). Identity agents: Parents as active and reflective participants in their children's identity formation. *Journal of Research on Adolescence*, 18, 449-476.
- Schwartz, S. J., Hardy, S. A., Zamboanga, B. L., Meca, A., Waterman, A. S., Picariello, S., Luyckx K., Crocetti E., Kim S. Y., Brittan A. S., Roberts, S. E., Whitbourne S. K., Ritchie, R. A., Brown, E. J., Forthun L. F. (2015). Identity in young adulthood: Links with mental health and risky behavior. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 36, 39-52. doi:10.1016/j.appdev.2014.10.001.
- Schwartz, S. J., Zamboanga, B. L., Luyckx, K., Meca, A., & Ritchie, R. A. (2013). Identity in emerging adulthood: Reviewing the field and looking forward. *Emerging Adulthood*, 1, 9-113.
- Schwartz, S. J. (2001). The evolution of Eriksonian and neo-Eriksonian identity theory and research: A review and integration. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 1, 7-58.
- Sedikides, C., & Brewer, M. B. (Eds.) (2001). *Individual self, relational self, and collective self*. Philadelphia: Psychology Press.
- Shanahan, L., McHale, S. M., Crouter, A. C., & Osgood, D. W. (2008). Linkages between parents' differential treatment, youth depressive symptoms, and sibling relationships. *Journal of Marriage and Family*, 70, 480-494. doi:10.1111/j.1741-3737.2008.00495.x
- Sica, L. S., Sestito, L. A., & Ragozini, G. (2014). Identity coping in the first years of university: Identity diffusion, adjustment and identity distress. *Journal of Adult Development*, 21(3), 159-172. doi:10.1007/s10804-014-9188-8.
- Soares, I. (2000). *Psicopatologia do Desenvolvimento: Trajectórias (in)Adaptativas ao Longo da Vida*. Coimbra: Quarteto.
- Solmeyer, A. R., McHale, S. M., & Crouter, A. C. (2014). Longitudinal associations between sibling relationship qualities and risky behavior across adolescence. *Developmental Psychology*, 50, 600-601. doi:10.1037/a0033207.
- Stephen, J., Fraser, E., & Marcia, J. E. (1992). Moratorium-achievement (Mama) cycles in lifespan identity development: Value orientations and reasoning system correlates. *Journal of Adolescence*, 15, 283-300.

- Stocker, C. M., & McHale, S. M. (1992). The nature and family correlates of preadolescents' perceptions of their sibling relationships. *Journal of Social & Personal Relationships*, 9, 179–195.
- Stocker, C. (1994). Children's perceptions of relationships with siblings, friends, and mothers: Compensatory processes and links with adjustment. *Journal of Child Psychology & Psychiatry & Allied Disciplines*, 35(8), 1447-1459.
- Tanner J. L. (2014, in press). Clinical psychology of emerging adulthood. Handbook of Clinical Psychology, Vol I. Washington, DC: *American Psychological Association*.
- Teodoro, M. L. M., Allgayer, M., & Land, B. (2009). Desenvolvimento e validade fatorial do inventário do clima familiar (ICF) para adolescentes. *Psicologia: Teoria e Prática*, 11(3), 27-39.
- van Hoof, A. (1999). The identity status field re-reviewed: An update of unresolved and neglected issues with a view on some alternative approaches. *Developmental Review*, 19, 497–556.
- Vignoles, V. L., Schwartz, S. J., & Luyckx, K. (2011). Introduction: Toward an integrative view of identity. In S. J. Schwartz, K. Luyckx, & V. L. Vignoles (Eds.), *Handbook of identity theory and research* (pp. 1-27). New York: Springer.
- Voorpostel M., & Blieszner R. (2008). Intergenerational solidarity and support between adult siblings. *Journal of Marriage and Family*, 70, 157–167.
- White, L. K., & Riedmann, A. (1992). Ties among adult siblings. *Social Forces*, 71, 85–102. doi:10.2307/2579967.
- White, L. (2001). Sibling relationships over the life course: A panel analysis. *Journal of Marriage and Family*, 63, 555-568.
- Waterman, A. S. (2007). Doing well: The relationship of identity status to three conceptions of wellbeing. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 7, 289-307.

ANEXOS

Anexo I:

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

A Escola de Psicologia e Ciências da Vida da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (EPCV, ULHT) está a desenvolver um estudo sobre as relações entre irmãos e irmãs em jovens adultos. O estudo está sob a coordenação das Professoras Ana Prioste (EPCV, ULHT) e Alda Portugal (Universidade da Madeira).

Se tem entre 18 e 30 anos e tem um irmão ou uma irmã com idade compreendida entre os 18 e os 30 anos e pretender colaborar connosco, por favor, leia atentamente as informações abaixo:

QUAIS SÃO OS OBJECTIVOS DO ESTUDO?

É um projecto de investigação que pretende descrever o impacto das relações entre irmãos e irmãs no bem-estar em individual e familiar.

SE ACEITAR PARTICIPAR, O QUE ME É PEDIDO?

Pedimos-lhe que preencha um conjunto de questionários. Este preenchimento poderá levar cerca de 40 minutos.

QUAL A VANTAGEM DE PARTICIPAR?

A informação recolhida e analisada após o preenchimento dos questionários permitirá contribuir para o avanço do conhecimento sobre a relação entre as variáveis em estudo, ajudando-nos a prevenir e intervir mais eficazmente.

SOU OBRIGADO/A A PARTICIPAR?

A sua participação é voluntária. O preenchimento dos questionários poderá ser interrompido a qualquer momento.

QUEM TEM ACESSO AOS DADOS?

Os dados recolhidos são anónimos e confidenciais. Apenas os elementos da equipa de investigação têm acesso aos dados. Os dados serão tratados como um todo e não individualmente, e a sua eventual publicação só poderá ter lugar em revistas da especialidade.

SE PRECISAR DE MAIS INFORMAÇÕES, COM QUEM DEVO CONTACTAR?

Por favor, contacte com a responsável, Ana Prioste, para o e-mail anaprioste@gmail.com

Declaro ter tomado conhecimento dos objetivos do estudo e da participação que me é solicitada, **participando voluntariamente**. Concordo ainda que os dados sejam **trabalhados anónima e coletivamente** pelas investigadores responsáveis, no âmbito dos objectivos a que este estudo se dirige.

Rubrica: _____ Data: _____

Declaração de Assentimento

Fui informado de que a minha participação neste estudo é voluntária e que por isso posso recusar-me a participar, ou que posso retirar-me deste estudo a qualquer momento sem que qualquer tipo de penalização por esse facto. Compreendi toda a informação presente neste formulário, nomeadamente os objetivos do estudo, e foi-me dada oportunidade de fazer perguntas, sendo que todas as minhas dúvidas foram esclarecidas. Assim, aceito participar de livre vontade no estudo acima mencionado.

_____ / ____ / ____ Nome do participante

Data /Assina